

A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA ANTERIOR E O ENSINO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA DOS PROFESSORES DAS ESCOLAS DE SÃO LUÍS

Paulo Sérgio Santos Garcês¹

Prof. Dr^a. Elizabeth Santana Alves de Albuquerque²

RESUMO

A Ginástica faz parte das unidades temáticas da Educação Física escolar, porém o ensino da mesma tem sido escasso nas escolas nos últimos tempos. Alguns motivos apontados para esta realidade são a insegurança por parte dos docentes em ministrar este conteúdo, por terem pouca experiência prática e a falta de estrutura e materiais adequados. O presente estudo visa analisar o nível de conhecimento prático da Ginástica Artística dos professores e comparar com o ensino da mesma para identificar qual a relação entre ambas. Trata-se de um estudo transversal onde se deu através de questionário com perguntas objetivas de múltipla escolha acerca das variáveis a serem analisadas. A amostra para este estudo são 11 (onze) professores de Educação Física das escolas de São Luís. Após analisar os resultados, foi constatado que os participantes tiveram pouca prática de GA durante a educação básica, sendo o primeiro e principal contato com a modalidade apenas durante a graduação em Educação Física e considerando vários outros cenários além da escola e universidade o contato foi mínimo de praticamente todos.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica. Ensino. Escolas.

ABSTRACT

Gymnastics is part of the thematic units of school Physical Education, however its teaching has been scarce in schools in recent times. Some reasons given for this reality are the insecurity on the part of teachers in teaching this content, as they have little practical experience and lack of adequate structure and materials. The present study aims to analyze the level of practical knowledge of Artistic Gymnastics among teachers and compare it with their teaching to identify the relationship between the two. This is a cross-sectional study that took place through a questionnaire with objective multiple-choice questions about the variables to be verified. The sample for this study are 11 (eleven) Physical Education teachers from schools in São Luís. After analyzing the results, it was found that the participants had little GA practice during basic education, with the first and main contact with the modality being only During my degree in Physical Education and considering several other scenarios besides school and university, contact was virtually minimal.

KEYWORDS: Gymnastics. Teaching. Schools.

¹ Graduando em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão

² Orientador(a) pela Universidade Federal do Maranhão

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de uma pesquisa que visa compreender a relação entre a prática anterior e o ensino da Ginástica Artística (GA) dos professores das escolas em São Luís.

Para justificar este trabalho, trago, inicialmente, um trecho da Base Nacional Comum Curricular que diz:

É fundamental frisar que a Educação Física oferece uma série de possibilidades para enriquecer a experiência das crianças, jovens e adultos na Educação Básica, permitindo o acesso a um vasto universo cultural. [...] Para além da vivência, a experiência efetiva das práticas corporais oportuniza aos alunos participar, de forma autônoma, em contextos de lazer e saúde. (BRASIL, MEC. 2018, p. 213).

Logo, entende-se que o objetivo da Educação Física escolar não é formar atletas de alto rendimento, mas formar indivíduos capazes de serem autônomos para usar o movimento nas suas mais diversas formas de expressão, como lazer e saúde, por exemplo, através de suas unidades temáticas, e dentre elas, a Ginástica.

Embora a Ginástica faça parte das unidades temáticas da Educação Física escolar, o que se percebe é que “Atualmente, a ginástica, como conteúdo de ensino, praticamente não existe mais na escola brasileira. Aula de educação física na escola tem sido sinônimo de aula de esporte”. (AYOUB, 2007, p.81 apud COSTA, et al, 2016, p. 81). E um dos motivos que podem contribuir para esta realidade é o fato de que “[...] os docentes não tem conhecimento prático com a modalidade e enfatizam que a falta de estrutura e materiais adequados dificulta mais ainda o uso da ginástica em suas aulas. (ALMEIDA, MERCÊS, PEREIRA, 2019, p. 12).

Ou seja, um dos motivos apontados pelos professores para a baixa oferta da GA nas escolas é a insegurança em ministrar o conteúdo, pois muitos tiveram pouca experiência prática. Então, este estudo visa investigar o nível de experiência prática de GA dos professores das escolas de São Luís e relacionar com a frequência e a forma que esta modalidade é ministrada nas escolas e analisar se há relação direta entre estas variáveis, podendo servir de base para futuros estudos mais profundos que podem também nos mostrar que, embora importante, a ausência de uma grande vivência anterior não é um impeditivo de ministrar a modalidade nas escolas, concluindo assim esta justificativa.

O objetivo geral é Investigar a experiência como praticante de GA dos professores das escolas de São Luís para entender se, embora importante, esta é indispensável para o ensino da modalidade. Enquanto os objetivos específicos são: questionar os professores de GA sobre o nível de experiência como praticante, conhecer a forma e o tempo que ministram aulas da modalidade, e por fim, comparar se a relação entre prática e ensino de GA faz os professores se sentirem mais seguros ao ministrar as aulas.

Há duas hipóteses principais para esta investigação, sendo a primeira e o resultado que se espera encontrar: Espera-se observar que a maioria dos professores não tiveram experiência como atletas da modalidade e pouca vivência da mesma na vida escolar, tendo um primeiro contato com a mesma na graduação de Educação Física e aprofundando por conta própria ao longo da carreira, pois a GA é uma modalidade pouco explorada na Educação Física escolar. Já a segunda hipótese e contrária a esta é onde se espera observar que a maioria dos professores de GA das escolas são justamente pessoas que foram atletas anteriormente ou tiveram uma grande vivência na sua Educação Física escolar a ponto de se interessar mais pela área e se graduar em Educação Física para ministrar aulas neste meio.

Por fim, este trabalho é dividido em cinco seções, sendo a primeira, a presente Introdução, a segunda é o Referencial Teórico, a terceira são os Materiais e Métodos, já a quarta trata sobre os Resultados e Discussões. As Considerações Finais em quinto e o trabalho se encerra com as Referências.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ORIGEM DA GINÁSTICA

Johann Friedrich Ludwig Christoph Jahn é considerado o “Pai da Ginástica” sendo responsável por estimular os jovens prussianos a se prepararem fisicamente para conflitos para expulsão do exército invasor, após a derrota na Batalha de Jena (NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005).

Caminhar, correr, saltar, lançar, sustentar-se são exercícios que nada custam, que podem ser praticados em toda parte, gratuitos como o ar. Isso o Estado pode oferecer a todos: para os pobres, para a classe média e para os ricos, tendo cada um a sua necessidade. (JAHN, 1816 apud NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005, p. 16)

Nos arredores de Berlim, em 19 de junho de 1811, ele inaugurou o primeiro local para a prática da Ginástica alemã ao ar livre na floresta de *Hasenheide* (Paradeiro das Lebres), mas hoje conhecida como *Volkspark*

Hasenheide que significa: Parque do Povo. Para ele, praticar a Ginástica não estava relacionado apenas a parte física, mas também ao lado moral, ao ter como objetivo desenvolver aspectos como lealdade, obediência, disciplina, confiança, dentre outros (NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005).

2.2 FUNDAMENTOS DA GINÁSTICA

As regras da Ginástica Olímpica são estabelecidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), o principal órgão regulador de todas as competições internacionais, incluindo aquelas realizadas no Brasil. Além disso, no contexto nacional, a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) atua como a entidade responsável pela promoção da ginástica no país desde 1978.

“Assim como o alicerce é a base de uma casa, os fundamentos da Ginástica são as ferramentas essenciais para o aprendizado das habilidades avançadas da GA” (NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005, p. 37)

Alguns profissionais podem definir os fundamentos da GA como: os rolamentos, a parade de mãos, a estrela, o rodante, as reversões no solo; as oitavas, os giros e os kipes na paralela; o salto grupado, afastado e reversão; entre outros conjuntos de habilidades em determinados equipamentos. (NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005, p. 37)

Anteriormente a estes movimentos, existem padrões básicos de movimento (PBM), em que a combinação destes, permitem a evolução em qualquer habilidade da GA. Segundo (RUSSELL, KINSMAN, 1986 apud NUNOMURA, NISTA-PICCOLO, 2005, p. 39) os padrões básicos de movimento podem ser sintetizados em:

- Aterrissagens – sobre os pés sobre as mãos, com rotação, sobre as costas;
- Posições estáticas – apoios, suspensões, equilíbrios;
- Deslocamentos – sobre os pés, em apoio, em suspensão;
- Rotações - no eixo longitudinal, no eixo transversal, no eixo ântero-posterior;
- Saltos – com as duas pernas, com uma perna, com as mãos;
- Balanços – de suspensão, do apoio.

A Ginástica Artística também apresenta aparelhos, sendo divididos entre os masculinos e femininos. Os aparelhos da ginástica artística feminina são:

Barras assimétricas, Salto sobre a mesa, Solo e a Trave. Já os Aparelhos da ginástica artística masculina são: Argolas, Barra fixa, Barras paralelas, Cavalo com alças, Salto sobre a mesa e o Solo

2.3 A GINÁSTICA COMO UNIDADE TEMÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Ginástica é uma das unidades temáticas da Educação Física, segundo a BNCC, que diz:

Ginásticas, são propostas práticas com formas de organização e significados muito diferentes, o que leva à necessidade de explicitar a classificação adotada: (a) ginástica geral; (b) ginásticas de condicionamento físico; e (c) ginásticas de conscientização corporal. (BRASIL, MEC. 2018, p. 217).

A ginástica geral, também chamada de ginástica para todos, engloba atividades corporais que têm como foco a exploração das capacidades acrobáticas e expressivas do corpo, a interação social, a troca de conhecimento e a ausência de competição. (BRASIL, MEC. 2018)

As atividades de condicionamento físico na ginástica são identificadas pelo treinamento corporal direcionado para melhorar o desempenho, adquirir e manter a aptidão física pessoal ou modificar a composição corporal. Essas atividades geralmente são estruturadas em sessões planejadas de movimentos repetitivos, com frequência e intensidade específicas. (BRASIL, MEC. 2018)

As ginásticas de conscientização corporal envolvem atividades que utilizam movimentos suaves e lentos, como posturas ou exercícios respiratórios, com o objetivo de promover uma maior consciência e percepção do próprio corpo. . (BRASIL, MEC. 2018)

A ginástica artística pode ser explorada dentro de qualquer uma destas classificações, dependendo do objetivo que se busca ser alcançado em determinado momento e faixa etária.

Assim a GA oferece boas possibilidades de exploração, uma vez que envolve habilidades motoras muito semelhantes às que podemos observar nas brincadeiras e jogos de infância, o que permite boas vivências por parte dos alunos sem que haja especialização precoce. (RESENDE, 2016)

2.4 PORQUE A GINÁSTICA PERDEU ESPAÇO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Embora tenha sua grande importância, como temos visto, a Ginástica tem perdido seu espaço nas escolas e já não é tão comum a prática constante da mesma nas suas mais variadas expressões. Iremos apontar brevemente quais pode ser os principais motivos para isso.

Segundo (Costa, et al., 2016) podemos falar sobre a educação física ter se tornado mais competitiva, valorizando o desempenho, a técnica, as habilidades individuais e deixando mais de lado o lado recreativo, que busca melhorar outros aspectos além do físico, como a cooperação e a socialização. Este fenômeno evidenciou ainda mais os esportes tradicionais em nosso país e práticas como ginástica, lutas e danças perderam espaço.

Segundo (Costa, et al., 2016, p. 83), também ocorre que:

muitos professores aplicam atividades referentes à ginástica apenas como uma alternativa de aquecimento, com exercícios ginásticos simples e/ou alongamentos suaves, no modelo e ritmo do professor, no início ou término das aulas, não a considerando como um conteúdo a ser planejado e trabalhado de forma efetiva e regular.

Complementando, (BEZERRA, FERREIRA FILHO, FELICIANO, 2006, p.128) dizem que:

Os alunos, na maioria das vezes, ficam limitados às atividades com bolas conseqüentemente restringindo seu acervo motor que sem dúvida poderia ser ampliado através de conteúdos da GA. Esta prática de aula por meio único e exclusivo de bolas já é tradição no Brasil, sobretudo na rede escolar de ensino e acaba por limitar seus alunos aos movimentos específicos dessas modalidades, pois a GA com seus movimentos variados poderia se tornar uma excelente opção para qualquer profissional da área desenvolver e ampliar o acervo motor dos seus alunos de maneira mais eficaz.

Muitos professores decidem trabalhar com conteúdos que possuem mais afinidade, com isso acabam deixando de lado conteúdos que não dominam ou são inseguros e isso cause o medo de mudar esta realidade. (RESENDE, 2016).

Outras questões que dificultam o ensino da ginástica nas aulas de educação física são as dificuldades de obter espaço e aparelhos adequados para a prática da modalidade e o conhecimento prático e suficiente por parte dos docentes. (ALMEIDA, MERCÊS, PEREIRA, 2019)

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de um estudo transversal que é um tipo de estudo observacional em pesquisa científica que coleta dados em um único ponto no tempo. Esse tipo de estudo é usado para investigar a relação entre variáveis em uma população em um determinado momento. A pesquisa utilizada é quantitativa, uma vez que

busca expressar as informações coletadas por meio de dados numéricos. (ZANELLA, 2009)

Os estudos transversais são marcados pela obtenção de dados significativos em um único ponto no tempo. Isso significa que não há consideração temporal direta nos estudos transversais, já que todas as informações são coletadas em um momento específico ou próximo a ele. (KESMODEL,2018).

A pesquisa se dará através de questionário com perguntas objetivas de múltipla escolha acerca das variáveis a serem analisadas.

3.2 AMOSTRA

A pesquisa busca compreender, dentro de uma população específica e um momento específico a relação entre as variáveis chave da mesma. A amostra para este estudo são 11 (onze) professores de Educação Física das escolas de São Luís. O contato ocorreu dentro da própria escola onde o professor ministra aulas ou através de meios eletrônicos como o *whatsapp*, onde foram convidados a participarem da pesquisa.

As escolas foram selecionadas de maneira, sem qualquer afinidade ou preferência pessoal do pesquisador.

Os participantes tiveram todas as suas dúvidas esclarecidas como os objetivos da pesquisa e foram informados sobre a confidencialidade de suas informações e dados e esclarecidos de sua participação voluntária.

3.3 APLICAÇÃO DA PESQUISA

A aplicação da pesquisa ocorreu através de um questionário no *Google Forms* onde foi criado um *link* específico para a pesquisa e enviado aos professores através, principalmente, do *whatsapp* ou apresentado pessoalmente ao professor de maneira impressa.

Para participação efetiva da pesquisa, o participante deveria apresentar o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), documento que apresenta questões éticas, direitos e deveres do participante e do pesquisador.

No questionário, o participante se identificou, informou a escola que atua e em seguida, respondeu as questões, dentro do prazo estabelecido pelo pesquisador. Os dados de identificação são mantidos sob sigilo, tendo apenas o pesquisador acesso aos mesmos, preservando assim a confidencialidade dos participantes.

Uma vez concluído e enviado, o participante não poderia mais alterar respostas do questionário.

3.4 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Será considerado excluído da pesquisa os participantes que:

- Não assinarem o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ou não o enviarem dentro do prazo;
- Se recusarem ou desistirem a qualquer momento a participar da pesquisa;

Estes critérios servem para garantir a voluntariedade e a segurança e transparência da pesquisa.

3.5 VARIÁVEIS DO ESTUDO

3.5.1 Nível de experiência prática de GA

A pesquisa servirá como um levantamento para compreender a vida do participante enquanto praticante de Ginástica Artística, compreendendo se o mesmo já treinou em algum clube, academia da modalidade, se praticava sozinho, e o quão já praticou nas aulas de sua Educação Física escolar quando aluno. Esse nível de experiência prática será a primeira variável chave.

3.5.2 Frequência e modalidade do ensino da GA

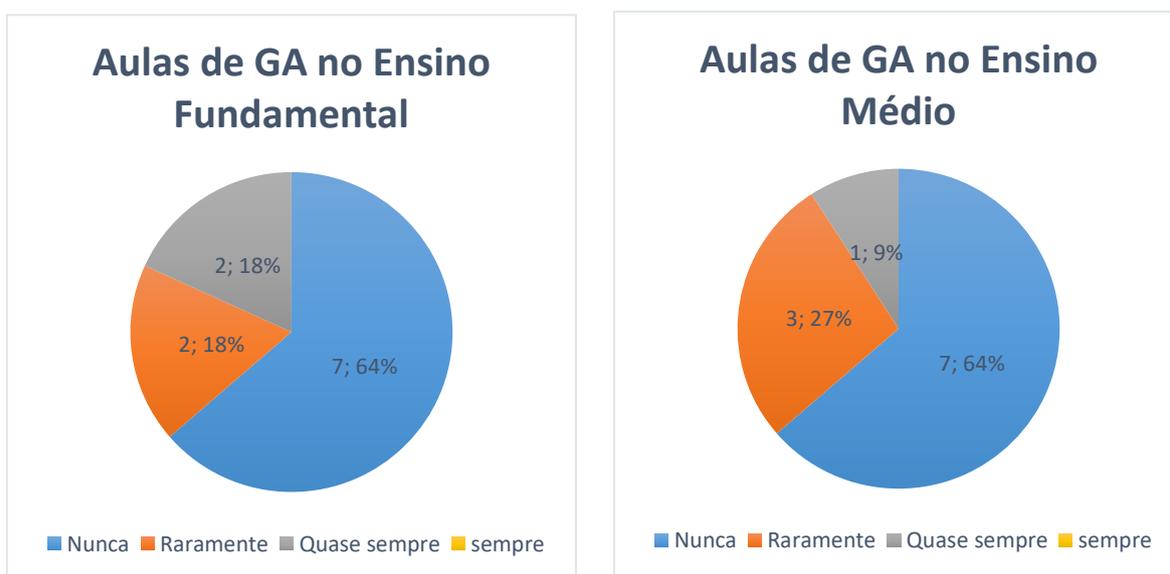
Como visto no referencial teórico a Ginástica faz parte do currículo escolar, mas nem sempre ela é ministrada na frequência que deveria. Então o estudo busca entender a frequência que ela é ministrada e também a forma (se como componente curricular, ou apenas como um alongamento, aquecimento ou volta a calma). Então a frequência e o modo são a segunda variável chave.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

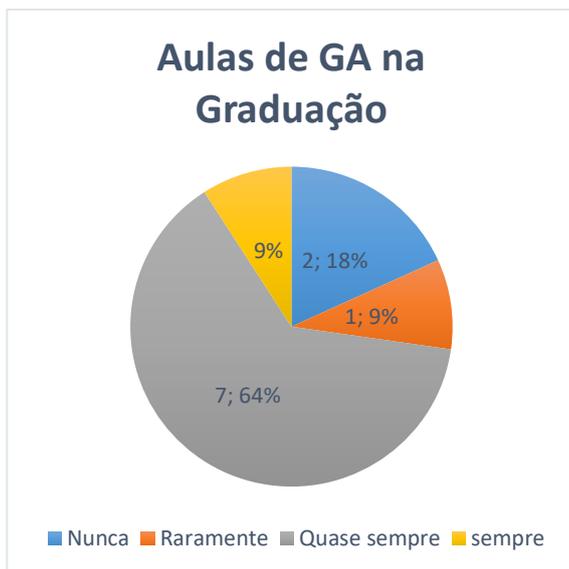
Após análise e interpretação dos dados coletados, os dados foram organizados em dois grupos para a discussão: o aprendizado da Ginástica e o ensino da mesma.

4.1 O APRENDIZADO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Ao tratar sobre as vivências que os participantes possuem com a GA, alguns pontos importantes podem ser destacados, como a maior parte (64%) responderam que nunca tiveram aulas práticas de GA nem no ensino fundamental e nem no ensino médio. Já 18% responderam que raramente tiveram aulas práticas de GA, aumentando para 27% no ensino médio, enquanto apenas 18% responderam que quase sempre tiveram aulas de GA no fundamental, caindo para 9% no ensino médio, como mostram os gráficos a seguir:



Já quando vamos analisar a experiência dos participantes com a GA durante a graduação, o cenário muda bastante de figura, o que nos mostra que na graduação é o primeiro e principal contato destes com a modalidade, como podemos ver no gráfico abaixo, onde 9% dos participantes disseram que sempre tiveram aulas de GA, 64% responderam que quase sempre tiveram, 9% raramente e 18% nunca a tiveram:



Partindo para outros cenários, como uma academia e/ou escolinha de GA, 9 (nove) dos entrevistados (82%) nunca vivenciaram a GA contra 2 (dois) que responderam quase sempre, para este cenário (18,2%).

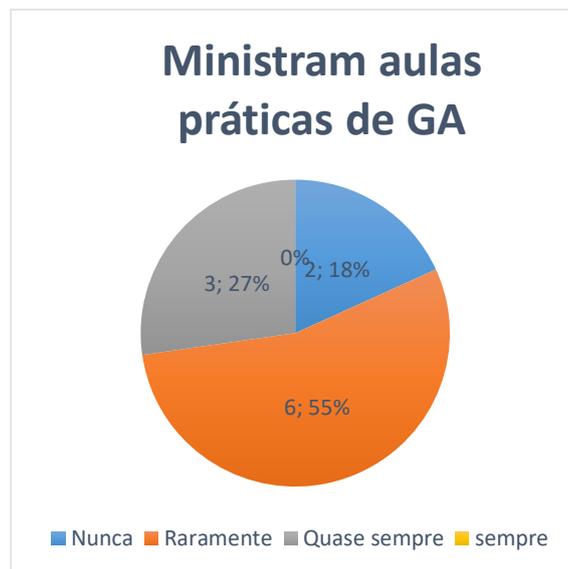
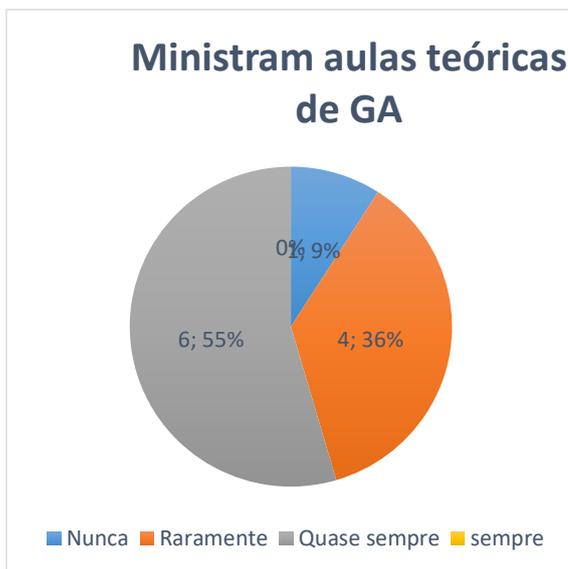
Dentre os 11 (onze) participantes, 1 (um) respondeu que já participou de um festival de GA, e 2 (dois) responderam que já treinaram a modalidade sozinhos, enquanto a resposta dos demais para os dois cenários anteriores foi que nunca o fizeram. Nenhum participante vivenciou uma competição como atleta e nenhum teve um professor e/ou instrutor particular ao longo da vida.

4.2 O ENSINO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Quanto ao ensino da GA as respostas dos participantes já são mais heterogêneas do que comparado ao aprendizado dos mesmos.

Durante a graduação, considerando a disciplina, estágios ou atividades extra curriculares, 27,3% quase sempre ministravam aulas de GA, enquanto 36,4% raramente o faziam e também 36,4% nunca o fizeram.

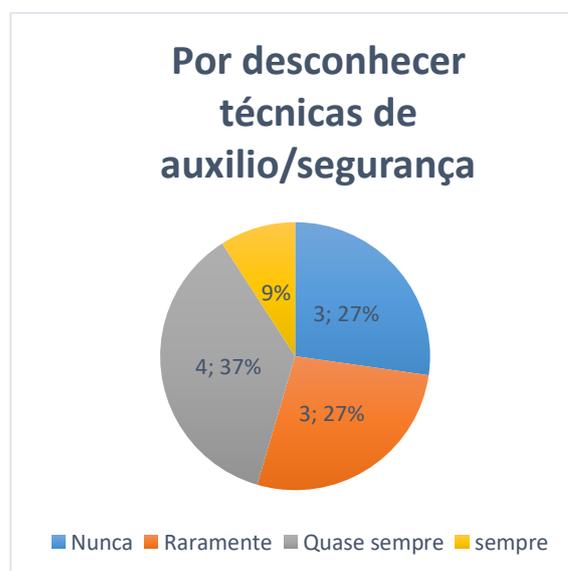
Nas escolas em que atualmente os professores atuam, podemos comparar o ensino teórico e prático da modalidade nos gráficos abaixo:

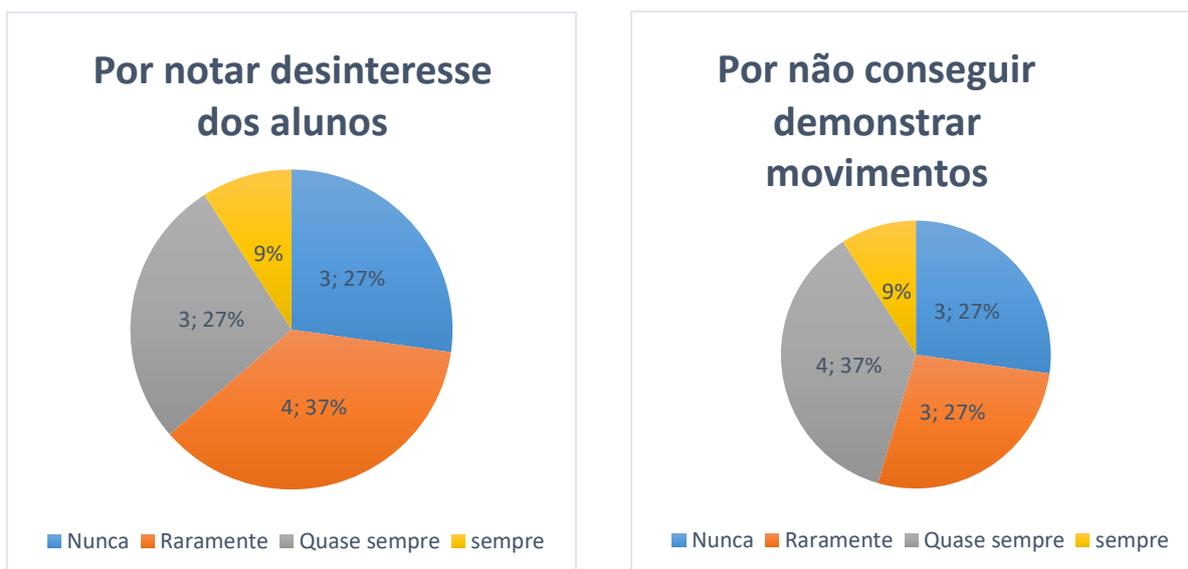


Quanto ao gosto pessoal de ministrar aulas de GA, 9,1% sempre gosta de ministrar aulas e a mesma quantidade nunca gosta. 27,3% quase sempre gostam de ministrar e 54,5%, sendo a maioria, gostam apenas raramente.

A falta de materiais adequados já fez com que 27,3% dos professores sempre deixassem de ensinar a modalidade, aliados a outros 54,5% que quase sempre também deixaram pelo mesmo motivo, sendo que oposto a isso 18,2% nunca deixaram de ensinar devido a ausência de materiais adequados. Estes números nos chamam a atenção pois podem indicar um dos principais motivos da escassez da modalidade nas escolas.

Abaixo seguem quatro gráficos com motivos que já fizeram os professores deixarem de ministrar a modalidade em suas aulas:





Quando perguntados se é possível ensinar a Ginástica Artística de maneira satisfatória na escola, mesmo sem ter uma vasta experiência como praticante, as respostas foram as seguintes:

- 63,3% concordam;
- 27,3% nem concordam e nem discordam;
- 9,1% discordam
- 0% não sabe/ não se aplica.

4.3 A RELAÇÃO ENTRE A PRÁTICA E O ENSINO DA GINÁSTICA ARTÍSTICA

Como podemos observar nos resultados apresentados, os participantes tiveram pouca prática de GA durante a educação básica, sendo o primeiro e principal contato com a modalidade apenas durante a graduação em Educação Física e considerando vários outros cenários além da escola e universidade o contato foi mínimo de praticamente todos.

Durante a graduação, boa parte deles começaram a ministrar a GA, mas em frequência bem diferentes. Na carreira como professor a maioria deles ministra com frequência a GA nas aulas teóricas, mas em menor frequência nas aulas práticas.

Alguns motivos são os principais vilões do ensino da GA como a falta de materiais adequados, não se sentir capacitado o suficiente e não conseguir demonstrar os movimentos, por exemplo. Embora a grande maioria concorda que é possível ensinar a GA de maneira satisfatória, mesmo não tendo uma

vasta experiência como praticante, que é basicamente o cenário aqui apresentado por muitos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos perceber, a experiência anterior traz sim um impacto significativo no ensino da GA, para o cenário apresentado. A experiência limitada (na maior parte do tempo, ao longo da carreira) dos professores como praticante da modalidade trouxe consequências negativas na fase do ensino como deixar de ministrar o conteúdo por não saberem demonstrar movimentos, não se sentirem capacitados e até mesmo por desconhecerem técnicas de auxílio e segurança dos movimentos aos ensiná-los aos alunos. Logicamente, o oposto também pode ser considerado válido: quanto mais vivência e experiência, maior a segurança para ensinar. Também nos chama a atenção que a GA está sempre presente nas aulas teóricas dos professores, mas o cenário muda drasticamente quando é sobre o ensino de aulas práticas. Embora com todas estas dificuldades apresentadas, segundo os professores, é possível ministrar uma aula de qualidade sem ter uma vasta experiência anterior como praticante, embora esta seja muito importante para tal.

A hipótese confirmada pelos resultados encontrados, foi a primeira apresentada na introdução, que esperava observar que a maioria dos professores tiveram pouco contato com a modalidade na vida escolar, menor contato ainda como atleta ou praticante de alguma outra maneira, sendo o principal contato com a GA durante a graduação e aprofundamento por conta própria ao longo da carreira posteriormente, e foi este o cenário encontrado.

Vale lembrar que os resultados encontrados nesta pesquisa não podem ser generalizados ou se tirar grandes conclusões sobre o mesmo. Porém o presente estudo pode servir como um suporte para um estudo mais aprofundado posteriormente.

Certamente este trabalho não abordou todos os pontos que envolvem esta discussão e também possui algumas limitações, como por exemplo, poderia ter um número maior de participantes, mas parte da pesquisa aconteceu no período de férias escolares, o que dificultou neste aspecto. Nosso objetivo é conhecer um pouco a vivência dos professores e como tem se dado o ensino desta modalidade tão importante e possa abrir caminhos para a evolução não só

da Ginástica Artística, mas da Educação Física e da Educação em geral de nossas escolas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gian Pacheco. MERCÊS, Danillo Coelho. PEREIRA, Jainara de Paula. **A ginástica no âmbito escolar: quais as dificuldades encontradas nas escolas públicas de taboão?**. Instituto Educacional Santa Catarina. 2019. Disponível em <<https://repositorio.iescfag.edu.br/repositorio/wp-content/uploads/taianacan-items/55/6243/A-GINASTICA-NO-AMBITO-ESCOLAR-QUAIS-AS-DIFICULDADES-2019.2.pdf>>. Acesso em 10 mar 2024.

BEZERRA, Sandra Pacheco; FERREIRA FILHO, Raul Alves; FELICIANO, Jeane Gomes. A importância da aplicação de conteúdos da Ginástica Artística nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 5, n. 3, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** 2018, disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica>> , acesso em 10 jan 2024.

COSTA, A.; et al. **Ginástica na escola: por onde ela anda professor?** Universidade Federal do Pará – UFPA, Pará – Brasil, Conexões Campinas, SP, v. 14 n. 4 p. 76-96 out./dez. 2016. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8648071/14928/24056>> , acesso em 05 mar 2024.

DALLO, Alberto R. **A ginástica como ferramenta pedagógica: o movimento como agente de formação**. São Paulo: Edusp, 2007.

KESMODEL, et al. Estudos transversais - para que servem? **Acta Obstet Gynecol Escanear**. 2018 abr;97(4):388-393. doi: 10.1111/aogs.13331.

NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2005.

RESENDE, Hyara. **Ginástica artística e rítmica na escola: possibilidades e desafios**. 2016.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração.**
Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 164p,2009.